

Calor é mais um fator de risco de infarto e derrame

Editoria de Arte

HELIO HARA

Inverno no Rio é uma estação curta: duas ou três semanas de frio e a estação chega ao fim. Mas o mesmo calor que faz a festa de banhistas durante todo o ano é um fator de risco de infarto do miocárdio (IM) e acidente vascular cerebral (AVC, popularmente conhecido como derrame), segundo um estudo da Universidade de São Paulo (USP) que acaba de ser divulgado. O trabalho mostra que o risco sobe quando a temperatura passa dos 26 graus. Nos casos examinados, 4,9% das internações anuais por IM e 2,8% por AVC ocorreram devido à temperatura alta.

Tanto o IM quanto o AVC estão ligados a uma série de fatores: estresse, vida sedentária e alimentação rica em gordura, por exemplo. Para quem já tem propensão a essas doenças, o calor também traz risco — disse a pesquisadora Maria do Rosario Latorre, do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP.

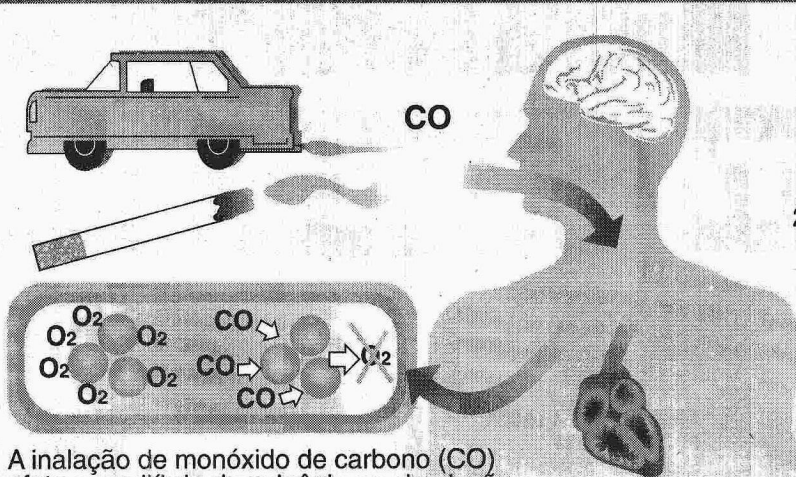
O estudo, publicado pela “Revista de Saúde Pública”, é o primeiro do gênero no país. Trabalhos feitos no exterior chegaram a resultados semelhantes: o risco sobe quando a temperatura é muito alta ou baixa. Uma pesquisa feita nos EUA estabelece que a faixa de temperatura ideal em regiões quentes vai de 26,7 a 32 graus; em regiões frias, de 15,6 a 26,6 graus. Limites bastante inferiores às temperaturas máximas registradas na maior parte do ano no Rio.

Os pesquisadores estudaram as internações por IM e AVC no Hospital das Clínicas (HC) da USP de 1989 a 1991. Ao todo, foram 7.798 casos de IM e 4.654 de AVC. A partir de dados sobre a temperatura fornecidos pela Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb), eles associaram as informações.

Os resultados mostram que, quando a temperatura ultrapassa 26 graus (o que, na capital paulista, ocorre em 41% dos dias do ano), o número de casos de IM passa de 9,41 para 10,69 ao dia.

A pesquisa trouxe à tona outro dado: a poluição por monóxido de carbono também tem impacto sobre o IM. Maior concentração desse gás leva a um aumento do número de infartos: o estudo da USP diz que 2,1% dos casos no HC estão associados à poluição atmosférica.

Ambiente também tem influência sobre doenças



A inalação de monóxido de carbono (CO) afeta o equilíbrio de oxigênio na circulação sanguínea. O carbono toma o lugar do oxigênio (O₂), que passa a ser transportado em menor quantidade para o coração e o cérebro. Dessa forma, aumenta o perigo de infarto e derrame.

Quando a temperatura sobe, a pessoa transpira mais. Isso faz com que o sangue perca parte da água e se torne mais viscoso. Quando isso acontece, células que distribuem oxigênio pelo organismo passam a ter dificuldade de locomoção. A menor quantidade de oxigênio aumenta o risco de infarto e derrame. No estudo da USP, temperatura superior a 26 graus foi considerada de risco.